



percebia que Deus a usara para influenciar muitas crianças, hoje espalhadas pelo mundo falando do amor de Deus.

Contou um pouco dos conflitos na igreja e eu a animei a voltar ao seu primeiro amor por Deus. Naquela tarde fria e cinza, ela e o esposo então pediram perdão ao Senhor. E antes de eu sair, eles se comprometeram a reconciliar com a igreja.

O mesmo amor que fez com que ela se importasse com aquela criança mal-amada, agora voltava a ela por meio do agir de Deus na minha vida. Pude retribuir, agradecendo, visitando e orando por essa preciosa professora de escola dominical. Foi um grande privilégio.

evangelística. Nesses encontros, falavam sobre a escola bíblica dominical. Aos sábados eu podia ir, mas às programações de domingo minha mãe não permitia que eu participasse porque nessa época ela frequentava o espiritismo. Eu via as crianças do bairro indo tão felizes para a escola dominical. Eu não podia participar? Como assim? Nada disso. Comecei a fugir aos domingos de manhã para ir à igreja.

Acredito que a professora, Dona Neuza, sabia da minha situação e era muito atenciosa comigo. Eu sentia que ela se importava comigo. Nas aulas ela me apresentou os heróis da fé. Foi a primeira vez que ouvi a história de José, Jacó, Moisés, Josué, Caleb, e tantos outros. A história de José me impressionou. Eu queria ser forte como ele. Não me lembro quantas vezes eu li e reli a história dele na Bíblia. Foi um tempo muito difícil em casa, mas os domingos na igreja eram o meu refúgio e

HISTÓRIA DE ESPERANÇA

por Nury Acevedo Ribeiro

Meu pai era autônomo. Fazia e vendia os melhores tijolos da cidade. Minha mãe, dona de casa. Vivíamos numa grande pobreza em uma casa alugada. Minha irmãzinha tinha uma saúde frágil e o nosso lar estava repleto de violência física e verbal.

Na esquina da minha rua tinha uma igreja e a esposa do pastor saía convidando as crianças aos sábados para uma atividade recreativa e

me traziam alegria e esperança. Estas experiências dominicais se tornaram fatores de proteção para mim, num contexto de muita vulnerabilidade. Lá eu sentia duas coisas importantes: Deus estava comigo, e ao menos uma pessoa se importava comigo incondicionalmente, a Dona Neuza.

O tempo passou, meus pais se divorciaram, saímos do bairro, e eu perdi o contato com Dona Neuza. Em maio de 2017, minha mãe teve que passar por um processo cirúrgico e eu fui para o Uruguai cuidar dela. Nunca esqueci de Dona Neuza. Agora, visitando a minha cidade natal, senti Deus falando para procurá-la e agradecê-la pelo que tinha feito por mim. Fiquei sabendo que ela e sua família tinham se afastado da fé devido a conflitos com alguns líderes. Estava na hora de lhe fazer uma visita.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1. Você consegue perceber fatores de resiliência nesta história? Onde?
2. Que outras virtudes pessoais você consegue perceber na história que contribuíram para que o protagonista conquistasse vitórias em sua vida?
3. Você acha que coragem é um ingrediente necessário para estas virtudes? De que forma?

Numa tarde fria e cinza de junho, saí pelo bairro procurando a casa da família Lafurcate. Tinha uma leve lembrança e os vizinhos logo me ajudaram. Bati na porta e ouvi aquela mesma voz, um pouco cansada, mas com certeza a voz da dona Neuza. Ela estava cega devido a problemas de saúde. Me apresentei e disse que estava ali para agradecer pelo investimento feito por ela em minha vida quando criança. Agradei a ela pelo carinho e por contar histórias que marcaram minha vida.

“Hoje sou missionária e conto histórias para crianças e adolescentes nas ruas de Recife, mas foi a senhora quem me ensinou sobre os heróis da fé”, disse, já me derretendo em lágrimas. Ela também começou a chorar. Nos abraçamos e nos alegramos ao contemplar o amor tão especial de Deus pela minha vida, transmitido por ela a mim quando ainda criança. Ela disse que olhando para o passado,